

# **A LINGUAGEM INCLUSIVA DA TEOLOGIA DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO: POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE DE PESSOAS EXCLUÍDAS DA SOCIEDADE**

Aילו Martins<sup>1</sup>

## **RESUMO**

O discurso do pentecostalismo clássico, na sua origem carregava um forte apelo experiencial, devido, a experiência carismática na vida dos pentecostais. O Batismo no Espírito Santo e a condição marginal pentecostal foram fatores, que contribuíram para a linguagem teológica inclusiva do pentecostalismo clássico. Pessoas que viviam as margens da sociedade, por meio dos cultos pentecostais sentiram-se empoderadas, pelo poder do Espírito, e, conseqüentemente, foram acolhidas pela igreja pentecostal. Diante disto, a abordagem da pesquisa, diz respeito ao estudo da linguagem inclusiva do pentecostalismo clássico, como fundamento, para a inclusão e acessibilidade de pessoas excluídas da sociedade. Com isto, pretende-se analisar o desenvolvimento desta linguagem, através de um recorte na história do pentecostalismo clássico, com ênfase na inclusão e no acesso de pessoas inseridas neste movimento. O caminho metodológico da pesquisa expôs a contribuição de vários teóricos especialistas, que já discutiram sobre esta temática. Conhecer e aprofundar a discussão, a respeito da linguagem inclusiva do pentecostalismo clássico, pode ser a chave, para estabelecer a abertura para inclusão e acesso de indivíduos, por meio de uma teologia pentecostal que inclua, integre, acolha e cuide de pessoas, sem preconceito e sem discriminação, por meio de um fazer teológico que empreste sua voz para os excluídos da sociedade.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia, Graduado em Administração de Empresas, Ciências Contábeis e Teologia. Pós-graduado MBA em Gestão de Pessoas. Professor da Faculdade Refidim.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo clássico; linguagem; inclusão; acessibilidade; teologia.

## ABSTRACT

The discourse of classical Pentecostalism, in its origin, was loaded with a strong experiential appeal, due to the charismatic experience in the lives of the Pentecostals. The Baptism in the Holy Spirit and the marginal Pentecostal syndrome were factors that contributed to the inclusive theological language of classic Pentecostalism. People that lived at the margins of society, through the Pentecostal services felt empowered by the Spirit, and, consequently, were welcomed by the Pentecostal church. Facing this, the research's approach regards the study of classical Pentecostalism's inclusive language, as fundament for the inclusion and accessibility of people excluded from the society. With this, the intent is of analyzing the development of this language, through a historical cut in the history of classical Pentecostalism, with emphasis on the inclusion and on the access of people inserted in this movement. The methodological way of the research exposed the contribution of varied theoretical specialist that already discoursed on the theme. To know and deepen the discussion, regarding the inclusive language of the classic Pentecostalism, can be a key to stablish the opening for inclusion and access of individuals, through a Pentecostal theology that includes, integrates, welcomes and takes care of people without prejudices and discrimination, through a theological doing that lends its voice to society's excluded.

**Keywords:** Classic Pentecostalism; language; inclusion; accessibility; theology.

## INTRODUÇÃO

A natureza do pentecostalismo clássico originou-se por via da linguagem teológica inclusiva. Os pregadores pentecostais empregavam em seus discursos, as linguagens populares, fato este que levou as massas, a optarem por este movimento. A linguagem da pregação pentecostal respondia as demandas de necessidades das pessoas, que viviam a margem da sociedade, por isto, do conceito da síndrome marginal do pentecostalismo. Nos cultos pentecostais, também ocorria à contextualização da mensagem pentecostal, de acordo com a realidade da vida cotidiana das pessoas excluídas e oprimidas pelas elites dominantes.

A linguagem popular do pentecostalismo clássico deu voz aos excluídos. Por meio do Batismo no Espírito Santo, muitos indivíduos sentiam-se empoderados pelo Espírito. Esta experiência impulsionava os sujeitos a superarem as diversidades e os problemas de suas vidas. O pentecostalismo clássico foi um sistema de religião que abraçou e cuidou de pessoas pobres, doentes e excluídas da sociedade e ofereceu auxílio e conforto aos marginalizados, ao divulgar uma mensagem de fé e de esperança a todos os necessitados. O movimento pentecostal descobriu nas massas esquecidas e analfabetas um campo fértil para sua mensagem.

A pesquisa pretende examinar a linguagem inclusiva da teologia do pentecostalismo clássico, como possibilidade de inclusão e acessibilidade de pessoas excluídas socialmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista a contribuição de diversos autores especialistas da história e da teologia pentecostal. A oralidade constitui o ponto de partida para a linguagem teológica do pentecostalismo clássico e estabelece as evidências históricas dos elementos constitutivos desta cultura oral. Outro fator, importante na proclamação da mensagem inclusiva do movimento se apresenta por via do acesso, decorrente à linguagem popular nos discursos pentecostais. Diante deste contexto, o pentecostalismo clássico deu voz aos excluídos da sociedade de sua época e, conseqüentemente, destacavam as pessoas marginalizadas socialmente em sua práxis teológica por via da oralidade.

## **1 A ORALIDADE COMO PONTO DE PARTIDA PARA A LINGUAGEM TEOLÓGICA DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO**

O pentecostalismo clássico de acordo com Paul Freston faz parte da primeira onda do movimento pentecostal, com a chegada e fundação da Congregação Cristã em 1910 e da Assembleia de Deus em 1911, que se

desenvolveu no Brasil de 1910 a 1950.<sup>2</sup> A principal doutrina do movimento é o Batismo no Espírito Santo. Pommerening descreve que no início da Assembleia de Deus no Brasil, a ação pneumatológica, por meio da oralidade pentecostal se manifestava na glossolalia ou língua estranha, associada à experiência de êxtase, a qual provocava mudança de ver a pregação, a Escritura, a fé, e a piedade pessoal, entre outros.<sup>3</sup> Estas premissas se tornaram o marco fundante da Assembleia de Deus, igreja de matriz pentecostal clássica.

As igrejas históricas protestantes encontraram muitas barreiras para adaptar e contextualizar seus discursos para as necessidades das camadas populares da sociedade. A grande diferença entre o protestantismo histórico e o pentecostalismo clássico é a mensagem. O movimento pentecostal se propunha a anunciar o seu discurso para todos sem distinção de raça, cor ou credo.<sup>4</sup> Com isto houve desvantagens das denominações históricas, quando comparadas com as instituições de origens pentecostais, visto que a linguagem das igrejas históricas, holisticamente não atingiu os excluídos e mais pobres, por ser mais atrativa para as pessoas de classe média e

---

<sup>2</sup> Entre as várias classificações do pentecostalismo, a pesquisa se utiliza da classificação de sociólogo Paul Freston, a respeito das três ondas do movimento pentecostal: a primeira onda, o pentecostalismo clássico, com a chegada e fundação da Congregação Cristã em 1910 e da Assembleia de Deus em 1911. A segunda onda ocorre nos anos de 1950 e início de 1960. Com as igrejas pentecostais, Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) são os destaques desse período. A terceira onda designada também de neopentecostal: a Igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus. Seus precursores são o Bispo Edir Macedo e o Missionário R.R. Soares. A pesquisa destaca a primeira onda com ênfase na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Nem anjos nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 70.

<sup>3</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. *Pentecostalidade e pentecostalismo*: fatores de crescimento associados à oralidade. Azusa Revista de Estudos Pentecostais. v. II. n. I. jul 2011. Joinville: Faculdade Refidim. p. 9.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*: por que mais de oito milhões de negros são pentecostais. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 46.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, 2004, p. 57.

alta.<sup>5</sup> Portanto, a mensagem dos discursos pentecostais estabeleceu-se pela oralidade, de maneira simples e popular.

Na cultura oral do pentecostalismo clássico, o modo de pensar é organizado oralmente, que visa valorizar o discurso, a memória, a narrativa e a emotividade. “A linguagem oral é sempre rítmica e narrativa, descreve uma ação e uma paixão, nunca princípios e conceitos”.<sup>6</sup> Diante disto, percebe-se o valor da oralidade para comunidades que convivem em um mundo sem acesso à cultura escrita, por questões econômicas, sociais e geográficas. A oralidade no movimento pentecostal se constituiu em oportunidade para os marginalizados transformar a teologia escrita em uma teologia fluida, por meio da mensagem do culto pentecostal, dando voz às pessoas que não conseguiam se expressar de forma escrita, isto se tornou possível graças às bases da cultura escrita que perpassa a oralidade.<sup>7</sup> O pregador pentecostal adequava seu discurso ao contexto da enunciação ao público que lhe ouvia. Este proceder é típico das sociedades orais.

## **2 A LINGUAGEM ACESSÍVEL DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO: UMA RESPOSTA PARA A ACESSIBILIDADE**

A compreensão teológica de alguns estudiosos, a acessibilidade “relaciona-se intrinsecamente com o caminho que nos remete à metáfora fundante do cristianismo, o acesso”.<sup>8</sup> Com isso, pode-se dizer que a acessibilidade não se resume a edificações e estruturas, mas significa dar às pessoas o direito de acesso. Costa-Renders comenta:

---

<sup>6</sup> POMMERENING, 2010, p. 25.

<sup>7</sup> OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995. p. 18.

<sup>8</sup> COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. Inclusão de pessoas com deficiência: a responsabilidade social das igrejas. São Paulo: *Revista Caminhando* v. 16, n. 2, p. 65-76 jul./dez. 2011. p. 65.

O caminho acessível é dinâmico e segue a dinâmica da vida humana: na imprevisibilidade, na vulnerabilidade, na diferenciação e nas conversões exigidas pela caminhada. Neste sentido, falar de Deus no caminho acessível é uma tarefa bastante complexa, onde não cabem categorias generalizantes, pois estas não atendem a demanda pelo respeito à singular dignidade de cada pessoa.<sup>9</sup>

O caminho da acessibilidade é marcado pela diversidade e a fragilidade de pessoas, que ocorrem na perspectiva do acesso, como forma de complemento e fortalecimento das relações humanas. Aquilo que é diferente no outro é o que me falta, já a sensação de fragilidade, permite me fortalecer nas fraquezas do outro. A diversidade compõe uma dimensão importante da linguagem acessível do pentecostalismo clássico. Ao criar o homem, Deus o fez uno, no sentido da individualidade e unidade, todavia, toda a criação é permeada pela diversidade. Muller comenta:

“A extravagância de Deus”, ou sua originalidade, foi ter criado uma humanidade permeada de diferenças: muitas raças, muitas cores, muitos tipos e, dentro destes, tantas variações que não há no mundo duas pessoas iguais. A diversidade é tão insondável e incalculável quanto à multiplicidade dos aspectos da natureza: todos feitos à sua imagem e pelo seu amor, tudo com o mesmo valor, todos com potencialidades para tornar o mundo um lugar maravilhoso de se viver, em completa harmonia no convívio entre as diferenças.<sup>10</sup>

A diversidade demonstra que as diferenças são necessárias. Não ser igual torna-se fundamental para a perpetuação da espécie. Homem e mulher, seres diferentes que se unem com o objetivo de formar um novo ser. Deus quis fazer um mundo diverso, com intuito de oportunizar aos seres humanos diferentes perspectivas de relacionamento.

As leis, os decretos e os programas visam desenvolver o acesso das pessoas, com objetivo de interagir com os setores públicos e privados,<sup>11</sup> que

<sup>9</sup> COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. *Inclusão de pessoas com deficiência: um desafio missionário*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009. p. 143.

<sup>10</sup> MULLER, Iára. *Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiência*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 56.

contribuem para a transformação social. Como já foi visto a linguagem popular do pentecostalismo clássico permite o acesso dos sujeitos marginalizados. Moreira destaca o sentimento de pertença e fidelidade das pessoas ao movimento, juntamente com a formação e transformação de indivíduos, por meio de ações que valorizam o sentimento de união de seus membros. “O pentecostal tem claramente delimitado, dentro de si, sentimentos que afirmam como parte de uma grande família, em que todos estão dispostos a empreenderem verdadeiras batalhas pelo bem comum do movimento e da sociedade como um todo”.<sup>12</sup> Dentro desta crença é o poder do Espírito Santo na vida do sujeito pentecostal, que aprimora as relações interpessoais.

A linguagem acessível do pentecostalismo clássico vai de encontro às demandas do marginalizado. Campos descreve que o movimento pentecostal é uma resposta à aflição e ao sofrimento da sociedade, “que oferece aos setores populares a possibilidade de construir o mundo”.<sup>13</sup> Esta construção inicia-se com novas práticas de sociabilidade que se estabelece em prol de uma identidade social, que representa um processo de transformação nas estruturas sociais. Menzies aponta algumas características do pentecostalismo, entre elas, o senso da presença e intervenção de Deus na vida dos pentecostais. “Eles oravam pelos doentes, esperando que Deus libertasse os aflitos do sofrimento”.<sup>14</sup> A oração intercessória indica a possibilidade de acesso à cura e libertação de todos os males. Estas orações sugerem preces espontâneas na liberdade e intercessão do Espírito Santo, dentro desta dinâmica todos os crentes podem orar e interceder.

---

<sup>11</sup> BRASIL. *Coordenadoria Nacional para integração da Pessoa Portadora de Deficiência*. Acessibilidade. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005. p. 9.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Davi Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismo e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 87.

<sup>13</sup> CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*: debate sobre o pentecostalismo na América Latina. São Leopoldo. Sinodal: Quito: CLAI, 2002. p. 46.

<sup>14</sup> MENZIES, William W. MENZIES, Robert P. *No poder do Espírito*: um chamado para o diálogo. São Paulo: Vida, 2002. p. 25.

Os propósitos e resultados do Batismo do Espírito Santo em síntese concentram-se em um modelo de vida centrado na justiça e vontade de Deus. “O batismo no Espírito não pode ser separado de suas implicações no que se refere à vida dentro dos padrões de justiça”.<sup>15</sup> O poder concedido pelo Espírito capacita o crente pentecostal a testemunhar contra as injustiças sociais. Osborn expõe que, “o mundo anseia por um evangelho proclamado por pessoas, cujo testemunho é confirmado pela demonstração do Espírito e poder”.<sup>16</sup> Diante de sua natureza, o ser pentecostal necessita despertar sua potencialidade de servir, acolher e incluir pessoas. “As igrejas pentecostais desempenham esse papel ajudando a restabelecer a dignidade do pobre de diferentes maneiras”.<sup>17</sup> Uma dessas contribuições fundamenta-se no acolhimento. As pessoas, para serem incluídas, necessitam primeiramente estarem acolhidas. No momento em que se aprende a acolher, abre-se a porta para a inclusão. O acesso para incluir necessariamente decorre do acolhimento.

### **3 A LINGUAGEM INCLUSIVA DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO: A VOZ DOS EXCLUÍDOS**

Os primeiros cultos na história do pentecostalismo clássico foram marcados por uma diversidade de pessoas. “Uma característica marcante dessas primeiras reuniões foi o seu caráter multi-racial, com a participação de negros, brancos, hispanos, asiáticos e imigrantes europeus”.<sup>18</sup> Estes

---

<sup>15</sup> PALMA, Antony D. *O batismo no Espírito Santo e com fogo: os fundamentos bíblicos e a atualidade da doutrina pentecostal*. Rio de Janeiro: CPA. 2002. p. 93.

<sup>16</sup> OSBORN, T. L. *O propósito do pentecostes: e aparecerem, línguas entre eles, línguas como de fogo, e pousou um sobre cada um deles (At 2.3)*. Rio de Janeiro: Graça Editorial. 2001. p. 65.

<sup>17</sup> MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: A. GUTIERREZ, Benjamim F. CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito: os pentecostais na América-Latina um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: AIPRAL. 1996, p. 175.

<sup>18</sup> FIDES REFORMATATA XI, Nº 2. São Paulo: Mackenzie. 2006. MATOS, Alderi Souza de. O Centenário do Movimento Pentecostal, p. 32.

encontros só eram possível devido à insatisfação destas pessoas com a espiritualidade formal e rotineira. Por meio das manifestações espirituais, com destaque ao Batismo no Espírito Santo, estes indivíduos eram impactados pelo mover do Espírito e em êxtase falavam em línguas estranhas. Todo este empoderamento levava as pessoas ao arrependimento. Após a conversão, ocorria um forte apelo para a santificação, fruto da “grande transformação cultural na vida dos fiéis induzida em todas as suas relações”.<sup>19</sup> Isto fez o movimento pentecostal descer voz às pessoas excluídas socialmente.

A linguagem inclusiva do pentecostalismo clássico visa desenvolver uma consciência inclusiva. O novo nascimento por meio do ato de convencimento do Espírito traz uma nova consciência. “Não somente sentem-se nascidos de novo, conforme costumamos dizer quando saramos de uma enfermidade grave, mas de fato eram nascidos de novo a partir do Espírito que os atingiu”.<sup>20</sup> Quando a pessoa tem um encontro com o Espírito por meio da Palavra de Deus acerca do sacrifício de Cristo, ocorre à experiência do novo nascimento. Pessoas convencidas pelo Espírito Santo têm a conscientização de seu estado de pecado, no entanto, a nova consciência acende a percepção de uma nova de vida. “Vemos o mundo com outros olhos”.<sup>21</sup> Noé comenta que a consciência das nossas fragilidades e incapacidades nos humaniza.

Os cultos públicos do pentecostalismo clássico se estabeleceram como espaço democrático. “Prega tanto o pastor como o crente simples”.<sup>22</sup> Rolim destaca este fato por meio da espontaneidade nas expressões dos cânticos, orações coletivas, pregações e testemunhos, que confirmam o

---

<sup>19</sup> ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes; 1994. p. 57.

<sup>20</sup> MOLTMANN, Jurgen. *A fonte de vida: O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 33.

<sup>21</sup> MOLTMANN. 2002. p. 63.

<sup>22</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes. 1985. p. 202.

caráter popular das celebrações e expõe o ambiente gestador da participação e integração de todos os envolvidos, no ritmo de melodias que despertam o emocional, rompendo com o formalismo e o silêncio, fator preponderante nos cultos pentecostais.<sup>23</sup> Toda esta dinâmica litúrgica abre a oportunidade para todo o tipo de pessoa se manifestar. Deste modo, por meio dos cultos públicos o pentecostalismo clássico conseguiu dar voz aos excluídos, proporcionando ações de transformações sociais e espirituais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O pentecostalismo clássico obteve a aceitação dos marginalizados, por causa da natureza inclusiva do movimento. As pessoas que viviam a margem da sociedade perceberam na mensagem pentecostal oportunidades de empoderamento e, conseqüentemente, o sonho de mudança e de transformação social. O poder concedido pelo Espírito Santo, através do êxtase espiritual capacitava os indivíduos a perseverar e superar os problemas e as dificuldades da vida. As experiências advindas dos cultos pentecostais proporcionavam confiança, esperança e motivação aos crentes para testemunhar e anunciar a sua fé.

A cultura oral do movimento pentecostal facilitou a propagação da mensagem do pentecostalismo clássico, visto que a principal característica do sermão dos pregadores se constituía pelo viés do discurso popular. As pessoas simples podiam entender a pregação pentecostal, tendo em vista a linguagem usada pelos pentecostais, que se contextualizava de acordo com a percepção e a necessidade dos ouvintes. Diante disto, os marginalizados tinham acesso aos benefícios da fé pentecostal, a experiência, o empoderamento no Espírito e o êxtase espiritual, fatores que agiam como energia vital para a transformação social e espiritual das pessoas excluídas da sociedade.

---

<sup>23</sup> ROLIM, 1985, p. 194.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes; 1994.
- BRASIL. *Coordenadoria Nacional para integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Acessibilidade* – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.
- CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja: debate sobre o pentecostalismo na América Latina*. São Leopoldo. Sinodal: Quito: CLAI, 2002.
- COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. *Inclusão de pessoas com deficiência: a responsabilidade social das igrejas*. São Paulo: Revista Caminhando v. 16, n. 2, p. 65-76 jul./dez. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Inclusão de pessoas com deficiência: um desafio missionário*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009.
- FIDES REFORMATATA XI, Nº 2. São Paulo: Mackenzie. 2006. MATOS, Alderi Souza de. O Centenário do Movimento Pentecostal.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios*. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MENZIES, William W. MENZIES, Robert P. *No poder do Espírito: um chamado para o diálogo*. São Paulo: Vida, 2002.
- MARIZ, Cecília Loreto. Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: A. GUTIERREZ. Benjamim F. CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito: os pentecostais na América-Latina um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: AIPRAL. 1996.
- MOLTMANN, JURGEN. *A fonte de vida: O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MULLER, Iára. *Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiência*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- OLIVEIRA, Davi Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos e transformação social*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil: por que mais de oito milhões de negros são pentecostais*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

PALMA, Antony D. *O batismo no Espírito Santo e com fogo: os fundamentos bíblicos e a atualidade da doutrina pentecostal*. Rio de Janeiro: CPA. 2002.

POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalidade e Pentecostalismo: fatores de crescimento associados à oralidade. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. v. II. n. I. jul 2011. Joinville: Faculdade Refidim.

\_\_\_\_\_. Oralidade e Escrita na Teologia Pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*. v. I. n. I. jul 2010. Joinville: Faculdade Refidim.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes. 1985.